

vidor@oglobo.com.br

GEORGE VIDOR



Nem-nem nada

Para eles sai mais em conta assumir os afazeres em casa do que arcar com despesas de empregados domésticos

Ao menos na Região Sudeste, uma das explicações para o fato de o número de pessoas jovens que nem estudam e nem trabalham (os chamados nem-nem) permanecer elevado enquanto o mercado de empregos se manteve aquecido estaria relacionado à dificuldade de contratação de trabalhadores domésticos. É uma categoria que se formalizou, com custos crescentes para os empregadores, pessoas físicas, que não têm a mesma capacidade das empresas. Para muitas famílias, especialmente a de casais jovens com orçamentos apertados, tem sido então preferível deixar alguém em casa cuidando dos afazeres domésticos do que contratar terceiros.

Como a tendência é de os empregados domésticos escassearem ainda mais (segundo o Ministério do Trabalho, a categoria vem diminuindo em números absolutos, e está entre aquelas cujos salários mais subiram relativamente nos últimos anos, acompanhando a variação do salário mínimo), essa parcela de nem-nem só ingressará no mercado se encontrar alternativa para os afazeres de casa. Isso significa que existe uma considerável demanda para eletrodomésticos, creches, locais de convivência e entretenimento de idosos que não vivem mais sem auxílio de alguém, desde que seja compatível com os rendimentos da parte da população que concentra os nem-nem.

Não são farinha do mesmo saco

O desgaste da imagem da Petrobras não poupa ninguém na empresa, do porteiro à presidente. Com isso, técnicos que se consagraram na história da companhia estão com seus nomes enxovalhados, mesmo sem estarem envolvidos nos escândalos revelados quase todos os dias. Na área de exploração e produção, por exemplo, antigos dirigentes da estatal, anteriores à era PT, veem com muita tristeza o diretor José Formigli ser incluído no mesmo saco que envolve executivos e fun-

cionários em um esquema de corrupção que deixou o país perplexo. Formigli é considerado um dos responsáveis pelos avanços tecnológicos na engenharia de produção da Petrobras. Sua gestão tem sido marcada pela antecipação do funcionamento de novos campos e da recuperação da produção em campos maduros que vinham ladeira abaixo.

Dívida saudável

Municípios do interior geralmente são dependentes de repasses de verbas estaduais e federais. Poucos têm capacidade de investir com recursos próprios, mas vários se mostram em condições de contrair financiamentos, desde que os prazos e as taxas de juros sejam razoáveis. A AgeRio, agência de desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro, constatou que, dos 92 municípios fluminenses, pelo menos 40 reúnem essas condições, sem ferir os limites de endividamento estabelecidos na Lei de Responsabilidade Fiscal e as regras do Banco Central. Seis deles já foram financiados pela agência, e outros seis estão com operações prestes a serem concluídas. Um bom exemplo é o de Cantagalo, na região central do estado. A prefeitura contraiu um empréstimo para adquirir as instalações de um shopping center inacabado e o readaptou para instalar lá todos os órgãos municipais. A prestação do empréstimo é inferior ao valor dos aluguéis somados de 28 imóveis, que agora estão sendo liberados para lojas e outras atividades comerciais em área nobre da cidade, abrindo oportunidade para novos negócios.

A AgeRio é uma das duas (a outra é a do Paraná) agências estaduais de desenvolvimento a ter grau de investimento na classificação de risco da Fitch. Atua desde o microcrédito, com operações de até R\$ 15 mil, a financiamentos da ordem de R\$ 30 milhões para empresas da cadeia produtiva do petróleo. Com a capitalização prevista pelo estado, a agência espera chegar a 2015 com mais de sete mil operações de financiamento, envolvendo recursos próprios da ordem de R\$ 500 milhões. A inadimplência (pagamentos com atrasos de mais de 90 dias) não passa de 1%. O próximo passo da AgeRio é abrir quatro escritórios na região metropolitana e no interior.

Ufa!

O primeiro lote de óleo diesel produzido pela Refinaria Abreu e Lima (Renest, na denominação interna da Petrobras) foi expedido para o Porto de Suape. O que saiu de lá foi um diesel S500, utilizado por caminhões e ônibus mais antigos. Na verdade, a refinaria produziu diesel S1000, que foi misturado ao S10 proveniente de outras refinarias. Mas em breve a própria Renest estará capacitada a produzir o S10, que é o combustível dos novos caminhões, e que polui muito menos. A segunda fase da refinaria ainda precisa ser concluída. E espera-se que agora a obra prossiga imunizada contra escândalos de corrupção.

Um feliz Natal a todos. ●

oglobo.globo.com/blogs/vidor